

## **A TRANSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE A TEORIA QUEER E A PSICANÁLISE**

Marina Diniz Luna do Nascimento; Thayse Kessya Oliveira de Almeida  
*Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)*  
*marinaluna.psi@gmail.com*

### **Resumo**

A construção da identidade ganha uma configuração intensa na adolescência, tendo em vista que o sujeito se depara com inúmeras modificações as quais parecem exigir um reposicionamento social e subjetivo. Como consequência, por ser um período que abarca especificidades e que promove repercussões, a adolescência tem se tornando objeto de estudo e de interesse dos mais variados campos do saber. Para o desenvolvimento deste artigo a particularidade que nos chamou atenção foi como a transexualidade tem se apresentado na adolescência, tendo em vista que é a partir da adolescência que o sujeito se dá conta do encontro com o seu corpo a partir de uma posição que não é mais infantil. Para realizar esta discussão, foi feita a análise de um caso clínico, trazendo para a perspectiva pós-estruturalista da teoria Queer, com Judith Butler. Contudo, com a inquietação que a escuta clínica promove, buscou-se problematizar esta teoria trazendo um “mais além” do gênero, e propondo novas configurações da psicanálise no contexto da transexualidade. Desta maneira foi possível encontrar enquanto resultados a necessidade de incorporarmos o sujeito no contexto do gênero, deixa-lo falar e saber dos impasses atravessados na sua história. Nesse sentido o sujeito o qual fala a psicanálise é aquele que é marcado por uma forma de gozo e este o localiza em alguma posição na partilha entre os sexos, e diante do rompimento da adolescência algo que é da ordem do desejo se instala e passa a ser enigma para cada um.

**Palavras-chave:** Adolescência; transexualidade; construção da subjetividade; psicanálise.

### **INTRODUÇÃO**

A construção da identidade e da subjetividade na adolescência se dá de forma intensa. Isso porque nesse período o sujeito se depara com o estranho das modificações corporais biológicas, com uma busca de que o outro o reconheça em sua identidade e também com uma construção sócio-histórica-cultural.

Há muitas demandas direcionadas ao adolescente, e ele também responde com demandas ao outro, seja nas relações horizontalizadas, ou na busca de um lugar nas relações verticalizadas. De certa forma, a construção adolescente não se limita a idade e muito menos chegará a um fim quando o corpo atingir o auge de sua transformação. Muito menos quando alcançar a idade que corresponde a vida adulta. Na verdade, essa construção adolescente se trata de traçar um lugar no mundo, e essa busca será sempre vivificada em vários momentos da vida.

Contudo, esse trabalho se propôs a pensar no que se passa nesse período do chamado “desenvolvimento” que traz consigo uma invasão de sentimentos e questões para cada um.

Para tanto foi analisado o caso da dissertação de Guaraná (2016) e realizada uma pesquisa teórica sobre a transexualidade na perspectiva da psicanálise e da Teoria *Queer* de Judith Butler.

O desafio de uma discussão entre as duas teorias sobre um mesmo tema é diverso. Principalmente pelos caminhos opostos que elas tomam, mas esse esboço não pretende fechar a discussão, na verdade, buscará abrir, ampliar e desafiar a pensarmos de um outro lugar. A responsabilidade para tal articulação ainda é posta com receio, contudo a escrita deste texto buscará promover um debate que caminhe na direção de enriquecer e trazer contribuições para o tema da transexualidade. Sabendo que o mesmo está em ampla discussão nos mais diversos campos do saber. Se busca aqui uma discussão que não esgote as discussões e muito menos de um saber absoluto que seja suficiente para abarcar os sofrimentos e vivências que os trans sentem na carne. Portanto, buscaremos trazer mais debates sobre aqueles que são postos como abjetos na sociedade.

A intensão, portanto é ampliar fronteiras e desmistificar padrões de teorias, na intensão de olharmos para os sujeitos enquanto humanos e não dentro de fórmulas que os limite e os encaixe em patologias.

## **METODOLOGIA**

A discussão sobre a transexualidade é bastante ampla e com inúmeras contribuições. No que concerne a este trabalho, buscaremos alcançar a perspectiva da psicanálise e do pensamento Bluteriano. Contudo, essa produção pretende fazer uma articulação bastante delicada e difícil, trazendo uma questão sobre a teórica psicanalítica, que para muitos é posta como limitada no tema da transexualidade, mas que será colocada aqui enquanto “mais além”, se baseando principalmente em estudos realizados na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dentro de um grupo chamado: “Investigações teóricas e clínicas de orientação psicanalítica”. E para contextualizar sobre a transexualidade na adolescência foi analisado um caso trazido na dissertação de Guaraná (2016).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Caso(s) de transexualidade na adolescência: corpo(s) estranho(s)**

Guaraná (2016) em sua dissertação sobre cortes no corpo, faz uma análise psicanalítica sobre as escarificações na adolescência.

Ao ler os casos os quais ela entrevistou e outros que ela acompanhou em seu consultório, um chamou atenção. Trata-se de Joana, 16 anos. A autora apresenta de cara que é uma jovem transexual, já localizando-a com o nome o qual consegue se localizar, diferente do seu nome masculino de nascimento.

Joana é adotada. Inicialmente a mãe biológica achava que seria uma menina, contudo no momento do nascimento foi visto que tratava-se de um menino. Foi perguntado aos pais adotivos se eles teriam alguma restrição, o que não houve na medida que o desejo pela adoção falava mais alto, independente do sexo, apesar de terem se preparado para receber uma menina.

Joana conta em atendimento sobre como se percebia diferente dos meninos. Havia uma brincadeira infantil a qual ela lembra, em que, diante do espelho, brincava de “faz de conta”, se localizando enquanto menina. Na relação com seu pai, era exibido como um troféu aos amigos. Após dos 12 anos, foram percebidas diferenças e o pai passou a sentir vergonha. Nessa mesma idade, passou a identificar-se como “John”, no lugar do “João”. Aos 16 anos passou a se vestir como menina. Ela demanda que sua mãe a reconheça como mulher. Sua mãe, logo diz que esse movimento é para chamar atenção.

Após revelação houveram vários conflitos familiares. A indiferença do pai a marca com bastante tristeza. Sente-se rejeitada. Procura um serviço de psicologia em busca de uma maior aceitação familiar.

Passa a participar da terapia familiar com sua mãe e do atendimento individual. Refere, em atendimento, que se mutila. E através da terapia ela revela a mãe sobre os seus cortes. A mãe, em sensibilização ao que escuta, questiona o que houve, e Joana responde que aquelas cicatrizes são as marcar de seu sofrimento diário. Nesse momento há um acolhimento da mãe para com a filha.

Joana interrompe a terapia e um ano depois retorna em busca de um laudo psicológico para anexar no processo de mudança de nome social. Nesse tempo que esteve fora ela traz melhoras em sua vida, na relação com os pais, no seu reconhecimento enquanto mulher, as mudanças corporais e tatuagens que fez. Uma das tatuagens foram 16 traços vermelhos na parte interna do braço, em que ela situa como sendo um registro dos 16 anos que esteve presa no corpo masculino.

Joana é um caso bastante singular. Ao mesmo tempo faz pensar que não necessariamente as saídas encontradas por todos será pela mesma via, ou que os “fins justificam os meios”. Há algo na sua história, um traço, o qual ela era falada e inscrita no feminino desde antes do nascimento. Ela foi inserida no desejo desses pais e eles construíram algo em seus discursos em cima

disso. E algo desse desejo e desse discurso atravessa Joana, é inevitável que não seja marcada aí. O fato de sua anatomia não corresponder com aquilo que Joana sempre se queixou, nos diz que para ela se localizar, seria necessário passar por algo no corpo biológico para haver um reconhecimento do outro.

### **Judith Butler e a Teoria Queer**

A visão Butleriana nos convoca a pensar sobre a formação da identidade e da subjetividade, questionando como o sujeito assume identidades. Butler apud Salih (2017) põe em questão justamente o fato de ao assumir uma identidade, haver uma limitada oferta para o sujeito, na medida que existem normas e padrões expostos na sociedade e passamos a nos ater apenas a uma lógica (hetero) para nos localizarmos. É justamente nesse ponto que há diversos questionamentos na teoria Butleriana: Através de que meios o sujeito passa a existir? Como são construídos? Quando as construções são bem sucedidas e quando falham? Como identificar o que é subversivo e o que consolida o poder? Salih vem colocar justamente que o sujeito em Butler é uma estrutura linguística em formação. Para compreender isso, é preciso ter em mente que o sujeito é um eterno devir, ou seja, não tem um fim, estará sempre em processo.

Esse modo de pensamento teve algo de inaugural mas também teve bases teóricas que a fizeram construir seu pensamento. Inicialmente nos anos 70 com teorias pós estruturalistas de Derrida e De Man. Depois com Foucault, Lacan e Deleuze. Além dos atravessamentos com as leituras de Hegel. Além desses há ainda influências da psicanálise, teoria feminista e marxista. Apesar de não se reconhecer em classificações, estabelecendo desde esse ponto uma desamarrarão com paradigmas normativos, o pensamento Butleriano vem a estar em um lugar de desconstrução, como a proposta pós-estruturalista. Em certa medida essa desconstrução remete a dissolução das oposições binárias. Isso porque, segundo Salih (2014) a partir desse movimento é possível fazer com que modos alternativos sejam ofertados enquanto possibilidades entre as estruturas existentes de poder.

É neste ponto que chegamos ao conceito proposto por Butler de performatividade. Butler fala do processo de identidade enquanto construída a partir da linguagem e de um discurso. Para ela, sexo e gênero, por exemplo, são efeitos de instituições, discursos e práticas, ou seja, somos efeito e nos criam e causam, determinam nosso sexo, nossa sexualidade e nosso gênero. Se o sujeito então, não se constitui a partir do nascimento, mas pelo contrário, virá a ser instituído, isso implica que há formas de instituir diferentes das que foram postas até então. Novas formas são possíveis a partir desse

momento que se dá conta que há novas possibilidades para além da esfera padrão. Esse pensamento desmistificaria muitos pontos que são colocados como “instintivos” do ser humano. Como por exemplo “toda mulher nasceu para ser mãe” e “homem não chora”. A partir da desmistificação de que não é porque se nasceu mulher que terá que seguir todos os padrões normativos do que é ser uma mulher, que a performatividade é construída enquanto teoria.

É preciso compreender, com isso, que um corpo é construído através dos discursos que não podem ser dissociados dos atos linguísticos que nomeiam e o constituem. Assim, os corpos não são meramente descritos, são constituídos nos atos mesmos da descrição. Quando se diz, “é uma menina”, não é apenas um dito, mas algo que inicia um processo “tornar-se menina”, baseado naquilo que é tido como o que é de menina e o que é de menino. Butler fala justamente o que é imposto quando se constrói um discurso sobre o que é ser mulher, e questiona se esse discurso não seria normativo (SALIH, 2004).

Um outro ponto que demarca a teoria de Butler é justamente quando ela traz a perspectiva Queer. Salih (2004) refere que essa teoria atingiu o ápice nos anos 80 e 90 com o vírus da Aids se alastrando e as acusações que estava sendo feita dos heteros para os gays, e, em consequência dessas acusações foi iniciado a pensar sobre as construções de identidade, sobretudo essas que se apresentavam como estáveis, legítimas e corretas.

O Queer empreende uma desconstrução de todas as identidades sexuadas. E a teoria queer surge de uma junção entre a teoria feminista, pós-estruturalista e psicanalítica, organizando a categoria de sujeito. Contudo, o que Butler inaugura é a retirada do sujeito do foco. Se fala em queer enquanto um movimento, não sendo nomeado, definido. É na verdade, algo fluído, transitivo, múltiplo e avesso.

Outro conceito proposto por Butler, quando retomava a Hegel, é o desejo. Aqui há algo importante, quando se diz desejo do sujeito, na verdade, refere-se ao conhecimento, principalmente o autoconhecimento, bem como o reconhecimento de si mesmo. Contudo, para haver um reconhecimento de si, desde Hegel, era sustentado a ideia de que se fazia necessário a presença de um Outro. De tal modo o desejo é sempre de algo que é Outro. Esse ponto se torna intrigante, na medida que o sujeito só pode conhecer a si mesmo através de um outro, mas no processo de reconhecer a si mesmo e constituir sua própria autoconsciência, ele deve superar o outro, colocando em risco sua própria existência. O desejo é, em outras palavras, igual à consumação do outro. Por isso mesmo não se trata de algo fácil, na medida que o Outro que o eu tem que superar, faz parte de si mesmo. Esse momento insurge de modo abrupto, estando a autoconsciência alienada em um narcisismo

negativo, como pontua Salih (2004), e, nesse processo, há autolesões e ódio.

### **A psicanálise: mais além do gênero**

A psicanálise no começo de sua construção teórica, com Sigmund Freud, apresentava um determinado alcance para a demanda de sua época. Não haviam amplas discussões sobre a temática, apesar de haver casos velados dentro desse contexto. Com o passar dos anos Jacques Lacan surgiu revendo a teoria Freudiana e também subvertendo alguns pontos em que se diz haver avanços. Um dos pontos postos por ele foi em 1998 que deveria renunciar a prática psicanalítica aqueles analistas que não conseguissem enxergar e buscar alcançar em seu horizonte, a subjetividade de sua época. Nesse sentido, Lacan propõe uma prática que rompesse com determinados conceitos engessados e que fosse possível construir uma psicanálise articulada a outros dizeres, principalmente para trazer uma contribuição e uma evolução da teoria que buscasse dar conta da intensidade e da demanda dos sujeitos inseridos na sociedade.

Santiago (2017), nesse momento vem trazendo justamente esse ponto como a causa o ponto de partida para pensarmos e nos desarticularmos das classificações homem-mulher, e isso nos abrir para pensar que o corpo precisa ser expandido aquilo que se apresenta no campo da linguagem e romper com as categorizações rígidas. Do ponto de vista do gênero, o sujeito pode ser homem ou mulher. Mas na ótica da sexuação, para o referido autor, as identidades sexuais não possuem fundamentação biológica, ou seja, são culturalmente construídas, e consequentemente são tomados como significados e representações passam a assumir os corpos. Como por exemplificado na primeira parte do texto: “o que é ser uma menina”, e se sabe que “menina” alcançou uma regra, a partir de uma lógica, uma norma, que é da ordem heterossexual.

O mesmo autor refere que no pensamento butleriano não deveria haver diferença entre gêneros e sexo na medida em que estes são produto de atos performativos. Bulter apud Santiago (2017) refere justamente o ponto no qual as normas heterossexuais acabam por pesar os corpos, e nesse movimento algo que escapa dessa ordem se torna abjeto. Nesse debate é percebido, portanto, a ideia é que o próprio gênero seja repercussão de uma construção sociocultural.

Contudo, segundo Fajnwaks (2017) essa construção acaba por se tornar limitada. Isso porque, para a psicanálise Lacaniana, haveria um Real<sup>1</sup> na sexuação do sujeito, não se tratando

---

<sup>1</sup> Real aqui se refere como trazido na teoria Lacaniana, ou seja, enquanto aquilo que é impossível de se inscrever e do sujeito dar conta, ou, mais ainda, o que escapa do discurso, do simbólico enquanto linguagem.

tudo de uma questão de identificações, mas de algo que o sujeito tem que se haver com seu corpo e com a demanda que lhe é direcionada pelo outro e pelo Outro<sup>2</sup>. Esse Real não se trataria de algo da ordem anatômica, pelo contrário, viria a ser da ordem da íntima relação do sujeito e sempre singular com o gozo<sup>3</sup>.

Nesse sentido, os estudos e investigações atuais da psicanálise tentam enxergar a perspectiva “*mais além*” do gênero, incluindo nessa lógica um lugar para o gozo do sujeito. Miller (2003) apud Fajnwaks (2017) traz justamente o fato dos queer apresentar inúmeras formas de gozo, sublinhando nesse sentido que o gozo é rebelde as normatizações, indo além da lógica edipiana, que está na base Freudiana da psicanálise, enquanto um conceito fundamental, mas que no decorrer das conceitualizações e se deparando com os sujeitos nos mais diversos campos de atuação a psicanálise passou a perceber que existia algo que escapava. Assim como no período de Freud escapava, mas em uma menor proporção.

Lacan (1958-59) lembra que o Édipo não é a solução única do desejo, mas sim sua forma normalizada pelo Nome do Pai, contudo, não esgota o destino do desejo. Assim, a psicanálise, como é duramente criticada, é tida como presa ao Édipo para dar conta da sexualidade se tornando uma abordagem normativa. Contudo, o gozo para a psicanálise, se torna uma construção lógica induzida a partir de diferentes sintomas no corpo dos seres falantes. E, enquanto a teoria queer vem falando da sexualidade fora das categorias do gênero, a psicanálise também está aí buscando um espaço, contudo, tenta abarcar a sexualidade pelo viés do gozo e não em termos de gênero.

As soluções que os sujeitos tomaram para dar conta do gozo são sempre uma invenção, na medida que não há normas que digam o que deve ser feito, apesar da grande tentativa sócio-cultural, de que haja. Esse é o ponto que Butler vem a criticar e põe em questão: será que podemos pensar em domesticações dos corpos? A psicanálise tenta escapar dessa lógica, não apenas na questão da transexualidade, mas nos sintomas contemporâneos, nas formas como são nomeados os sujeitos pelo DSM e na forma como se medicaliza para domesticar algo que o sujeito denuncia como não seguindo a regra.

---

<sup>2</sup> O termo “Outro” grafado com letra maiúscula tem sentido de grande Outro da linguagem (pode ser usado também com a grafia A de Autrem). Designa um lugar simbólico (tesouro dos significantes; o lugar onde o significante advém), a lei, a linguagem, o inconsciente. Lacan assim o designou estabelecendo diferença ao outro (com minúscula) que se refere ao semelhante, a relação especular imaginária (SILVA, J. S.O, 2006, p.43).

<sup>3</sup> Gozo também é um termo que possui um uso específico, na psicanálise Lacaniana. Esse gozo é diferente da satisfação sexual, na verdade, trata-se de um termo que está na ordem do Real, algo que é impossível do sujeito simbolizar.

O corpo em Lacan é tido como substância gozante e por isso mesmo se torna rebelde. Já o corpo “falasser” como é nomeado em Lacan, trata-se justamente dessa outra parte do corpo inserida na linguagem, o ser falante enquanto possuidor de um corpo. O sujeito, contudo, não se resume ao seu corpo, na verdade Lacan (1975) apud Fajnwaks (2017) vem trazer justamente que nós não somos um corpo, na verdade possuímos um, não podemos nos limitar a uma identificação com o corpo. O corpo passa a se tornar de cada um quando passa a ter uma saída singular, com sintomas, defeitos, inibições. E para se construir o corpo segundo é preciso que esse seja marcado pelo desejo do Outro, ou pelo seu gozo e a partir disso que o ser falante se apropria. Fajnwaks (2017, p. 34) traz:

“No fundo, não é o corpo que permite nos definir como homem ou mulher, não é a imagem do corpo que nos permite isto, mas sim o que o falasser diz de seu corpo, seu discurso, um saber que se declina ao longo da cadeia significante, que vem se aplicar a este corpo, que permite ao ser falante ter este corpo, pois este, enquanto substância de gozo, situa-se no lado impossível de simbolizar.”

## CONCLUSÃO

É possível perceber, portanto, que a sociedade sofreu modificações sociais, históricas, tecnológicas e políticas. E a partir destas as formas de ser sujeito passaram a ser mais diversificadas. Para isso, é preciso pensar que para estar ao alcance das formas como os sujeitos se deparam com suas questões, com sua sexualidade, com seu sofrimento, com o amor e seu modo de gozo se modificam. Assim é preciso que a psicanálise se construa em um terreno no qual não precise apenas se basear no tradicionalismo, pelo contrário, que rompa e busque novos mares, atravessando paradigmas e pensando, na cidade, sobre o que se chega ao analista e o que se demanda dele.

No que tange a transexualidade nos deparamos com vários enigmas ainda. Muito está sendo investigado, tanto nas teorias de gênero, na psicanálise, como nos mais diversos campos, que tem se interessado no tema, inclusive os que vivem preconceitos na pele. Não é possível dizer qual teoria abarcará a delicadeza de cada história e de cada inscrição. Mas é possível pensar mediante aquilo que se escuta dos próprios trans e colocar em pauta de estudo.

A tentativa desse artigo foi promover um diálogo entre a Teoria *Queer* e a psicanálise, sendo apenas um esboço que precisa ser aprofundado. Concluindo, portanto, nossa hipótese, enquanto teoria psicanalítica, para além do gênero é incorporarmos o sujeito no contexto, deixá-los falar e saber que aquilo que se fala não é apenas consciente, mas tem inúmeros atravessamentos em sua história que passam estar inconscientemente ali. Importa, nisso, que o sujeito para a psicanálise é um sujeito

marcado, inconsciente, de gozo, de pulsão, de repetição. Mas também é de retificação, de responsabilização, de escolhas. E é, apostando que nosso objeto de estudo será sempre esse, que permaneceremos tentando abarcar a complexidade de seus desejos, bem como, as mudanças que as épocas nos apresentam.

## **REFERÊNCIAS**

FAJNWAKS, Fabian. *Lacan e as teorias Queer: mal-entendidos e desconhecimentos*. IN: Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus impasses. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

LACAN, Jacques (1901-1981). *O seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação*. 1 Ed. Rio de Janeiro: Zaha, 2016.

LACADÉE, Philippe. *O que acontece perto dos 17 anos?* IN: Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus impasses. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2 ed. 2017.

SANTIAGO, Ana Lydia (2017). *Apresentação*. IN: Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus impasses. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

SANTIAGO, Jésus. *O falasser mais além do binário homem-mulher*. IN: Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus impasses. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

SANTIAGO, Jésus. *Arrancar o véu: o corpo sexuado e sintoma na adolescência*. IN: Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus impasses. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.